



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO

FABIANA MARIA MIRANDA DE MELO

RELATÓRIO DE ELABORAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
SOB O PESO DO FERRO: O COLAPSO DA MINERAÇÃO EM
QUITERIANÓPOLIS

FORTALEZA

2025

FABIANA MARIA MIRANDA DE MELO

SOB O PESO DO FERRO: O COLAPSO DA MINERAÇÃO EM QUITERIANÓPOLIS

Produto jornalístico apresentado como Trabalho de Conclusão ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do Título de Bacharel.

Orientadora: Prof. Dra. Naiana Rodrigues da Silva

FORTALEZA

2025

FABIANA MARIA MIRANDA DE MELO

SOB O PESO DO FERRO: O COLAPSO DA MINERAÇÃO EM QUITERIANÓPOLIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em: __/__/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Naiana Rodrigues da Silva (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Rosane da Silva Nunes
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Grad. Cláudio dos Santos Ribeiro
Universidade Federal do Ceará (UFC)

FORTALEZA

2025

AGRADECIMENTOS

Entreí no jornalismo sonhando com a área esportiva. Desde que comecei a acompanhar futebol e torcer para o Flamengo, via aquelas pessoas com microfones na mão, na beira do campo. Eu sentia que aquilo era o que eu queria para o resto da minha vida.

Foi só quando iniciei a faculdade e tive contato com outras áreas que percebi o que realmente gostava de fazer: ouvir as histórias das pessoas. E tentar combater, nem que seja um pouquinho, as injustiças sociais.

Fazer esse livro foi uma trajetória longa, linda e intensa. Me mostrou que sou capaz de muito mais também, de ir além. Então, não posso deixar de agradecer, primeiramente, a Deus. Por ter me mostrado os caminhos e não me deixar desistir daquilo que gosto.

Este trabalho também não seria possível sem uma pessoa: minha orientadora, Naiana Rodrigues. Foram muitas conversas, orientações e ensinamentos. Além de tudo, nesse processo, também foi um presente. Tinham dias que eu achava que não ia conseguir entregar, cheguei muitas vezes a falar que queria desistir do tema. E você sempre esteve ali, segurando a minha mão. Até nos momentos mais difíceis, tanto pessoais quanto profissionais. Obrigada por aceitar o meu convite, sem nem saber do tema direito.

À minha banca examinadora: o jornalista Cláudio Ribeiro e a professora Rosane Nunes. Obrigada por contribuírem com o meu trabalho. Admiro a trajetória que vocês trilharam e ainda trilham nessa profissão. E também a professora Eriene Firmino, que poderia, facilmente, ter participado da banca. Eri, agradeço por todos os conselhos durante as aulas ou fora delas. Esse livro existe também porque a senhora acreditou em mim.

Ao meu pai, Fábio. Faltam palavras para mensurar o tamanho do amor que sinto por você, por estar sempre ao meu lado, por me apoiar. Pelas palavras, conselhos. Você é meu porto seguro e não sei o que faria da minha vida se não estivesse nela. Obrigada por estar tão presente, ler minhas matérias e vibrar pelas minhas conquistas. E, acima de tudo, pelos sacrifícios para ver todo mundo ao seu redor feliz. Tenho o maior orgulho do mundo de ser a sua filha.

À minha mãe, Jaqueline. Foi você quem me ensinou a ler (desde os três anos), escrever, tomar gosto por estudar. Se hoje eu estou me formando em uma faculdade pública, grande parte disso é por sua causa, que sempre priorizou minha educação. Te amo para sempre. Sei que, de alguma forma, você está me vendo.

À Daniely, minha “mãedrastra”. Suas palavras e apoio sempre foram essenciais para mim e para o que eu trilhei até hoje. Desde que a gente se encontrou pela primeira vez, soube que poderia confiar em você. Te admiro e você me inspira a ser melhor todo dia.

Ao meu irmão, Fabinho. Desde os meus dois anos de idade, tenho o privilégio de crescer junto com você. Obrigada por todas as vezes que você me acalmou quando eu nem sabia que precisava. E também às minhas irmãs de coração e de alma: Carol, Lara e Laura. Agradeço a Deus por terem colocado vocês no meu caminho e sou muito grata pelas risadas, ensinamentos, conversas.

À Carolina Gomes e Maria Jardênia, por todas as conversas no almoço ou no fim de tarde, que muitas vezes me distraíram do meu TCC. Pelo cuidado de todos esses anos em ter roupa lavada, quarto arrumado, comida feita. Minha trajetória não seria a mesma sem nenhuma de vocês duas.

Ao Théo, que mesmo tão pequenininho já entende de tanta coisa e é tão inteligente. Foram muitas tardes com você do meu lado, me distraindo, dando carinho, momentos de implicância, sem querer saber de mim. Obrigada por tanto, mesmo que ainda não saiba ler esses agradecimentos.

Aos que complementam a Família Sete + Uns: Alfredo, Alysson, Amaro, Kauanny, Lídia, Osana e Tuanny. De alguma forma, cada um faz parte dessa fase da minha vida. Vocês tornam a vida mais leve.

À minha madrinha, Kátia Cabral. Obrigada por cada ligação, puxão de orelha, pelo cuidado. Mesmo de longe, você se faz presente na minha vida.

Às minhas avós: Margarida e Eliane. Vocês não estão mais aqui fisicamente, mas sei que ambas estariam aplaudindo essa nova etapa da minha trajetória. Ficam as lembranças, os carinhos e ensinamentos. Obrigada por terem feito tudo o que podiam para me ver feliz.

À minha família, mas especialmente minha Tia Raquel e meus primos Francisco, Cecília, Victória, Ruan e Arya. Sinto falta de vocês todos os dias na minha rotina. Obrigada por terem sido uma parte essencial da minha infância e do meu crescimento, por torcerem por mim.

À população de Quiterianópolis e Novo Oriente, principalmente as afetadas pela extração do minério de ferro. Obrigada Sílvia, Oscar, Manoel, Ribamar e Elizângela por confiarem a história e a memória de vocês a mim. Espero que, um dia, vocês encontrem a paz que desejam.

Ao Erivan Silva, por ter me guiado em boa parte desse livro, se disponibilizado a me ajudar e ceder fotos da situação da mineradora durante a época mais crítica para as

comunidades. À Dra. Cecília Paiva, do Escritório Frei Tito, pelas entrevistas mesmo com muitos processos para resolver, esclarecimentos e documentos enviados.

Às minhas amigas e irmãs: Marina e Dominique. Obrigada por permanecerem comigo desde o colégio. São quase dez anos de amizade e, mesmo que cada uma tenha sua rotina agitada, sei que posso contar com vocês a qualquer hora. Agradeço por estarem comigo em mais uma etapa da minha vida e espero que se estenda por muitas outras.

À minha amiga de infância: Laisa. A gente pode estar em estados diferentes, mas sempre estarei torcendo por você, assim como você faz por mim. Obrigada por todos os aprendizados, risadas e trapalhadas que fizemos juntas e que ajudaram a me tornar quem eu sou hoje.

Às meninas que inventaram um clube do livro só para a gente conseguir se ver mais, depois de terminar a faculdade. Lôren e Isa, vocês foram as minhas primeiras amigas na UFC e eu tenho muito orgulho de ter acompanhado todo esse nosso crescimento. Agradeço por terem me acolhido, pelos conselhos, risadas, apresentações e prêmios que dividimos juntas. Quero continuar vendo vocês duas brilharem ainda mais.

Clarice, Maria Clara e Ludmyla – essas duas últimas quem eu divido as manhãs todos os dias, de segunda a sexta. Nos aproximamos por causa dos trabalhos no jornalismo, mas desde o começo a gente tem só se fortalecido mais e mais. Vocês me acompanharam em boa parte do meu TCC, me ouviram falando sem parar sobre como eu não ia conseguir entregar. Me deram apoio. Nossa conexão é algo que não quero mudar.

Faely, quem eu me aproximei desde o ano passado e sou muito feliz por isso. Obrigada por todos os momentos de distração, não só durante o TCC. Pelas conversas e conselhos de coisas do dia a dia. Deixando as brincadeiras de lado, sou muito grata, de verdade, por ter a sua amizade.

E, para finalizar a parte das meninas, as que complementam o “Aratinga”: Rayane e Arine. Agradeço por cada interação que tive com vocês, pelas fofocas, viagens, raivas e estresses compartilhados. Em nenhum momento, nenhuma das oito me deixou desistir e se tornaram um dos meus pontos de alívio. Obrigada por serem tanto.

À turma do 21.1: Alessandro, David, Gabriel, Guilherme Castro, João, Kleber, Matheus e Nicole. Obrigada pelos perrengues, risadas, conversas sobre a vida. A graduação ficou mais leve porque tive a sorte de dividir ela com vocês.

Aos amigos de outros semestres que tive a alegria de conhecer e tenho prazer de conviver: Eduarda, Giovana e Guilherme Siqueira. Vou sentir falta das nossas sitcoms nas

quartas-feiras e dos convites semanais. Obrigada por terem me acompanhado nessa trajetória e terem se tornado essenciais para eu ficar um pouquinho mais feliz.

À editoria de economia do jornal O Povo, mas principalmente: Beatriz, Irna, Armando, Samuel e Ana Luiza. Nada disso seria possível sem vocês. Cada dia aprendo um pouco mais dessa profissão tão exaustiva, mas tão gratificante. Meus dias são melhores porque divido as manhãs — e às vezes as tardes — com vocês. Obrigada por cada dica para esse livro, por confiarem em mim e por me apoiarem.

Ao meu amor, Victor Hugo. Você que foi, de longe, a pessoa que mais acompanhou de perto esse processo. Foi abraço, foi casa, meu ponto de paz. Viajou duas vezes comigo para Quiterianópolis. Leu e releu os capítulos porque eu estava insegura e não sentia que era o suficiente. De todas as coisas que a UFC poderia ter me dado, você foi a maior delas. Obrigada por caminhar ao meu lado com tanta paciência, cuidado e afeto.

E, por fim, agradeço a mim, por não ter desistido desse tema e nem desse livro, mesmo com todas as dificuldades. A gente conseguiu.

RESUMO

O livro-reportagem “Sob o peso do ferro: o colapso da mineração em Quiterianópolis” investiga os impactos socioambientais, econômicos e sanitários provocados pela atuação da mineradora Globest Participações LTDA no município de Quiterianópolis (CE). A pesquisa baseia-se em metodologia qualitativa, com uso de entrevistas, observação de campo, análise documental e bibliográfica, articulando jornalismo literário, investigativo e ambiental. O trabalho revela como as promessas de progresso e geração de empregos deram lugar à degradação do solo, contaminação da água, poluição do ar e adoecimento da população, incluindo casos de doenças respiratórias e câncer. Além disso, evidencia a omissão de órgãos públicos, a ausência de estudos prévios de impacto ambiental e a negação do direito à reparação das comunidades atingidas. A obra propõe-se como instrumento de memória, denúncia e reflexão crítica sobre os limites do desenvolvimento extrativista no semiárido brasileiro.

Palavras-chave: jornalismo ambiental; mineração de ferro; impactos socioambientais; saúde pública; Quiterianópolis.

ABSTRACT

The book “Under the Weight of Iron: The Collapse of Mining in Quiterianópolis” investigates the social, environmental, economic, and health impacts caused by the operations of the mining company Globest Participações LTDA in the municipality of Quiterianópolis (Ceará, Brazil). The research is based on a qualitative methodology, using interviews, field observation, and documentary and bibliographic analysis, combining literary, investigative, and environmental journalism. The work reveals how promises of progress and job creation gave way to soil degradation, water contamination, air pollution, and the illness of the local population, including cases of respiratory diseases and cancer. It also highlights the omission of public institutions, the absence of prior environmental impact studies, and the denial of the right to reparation for the affected communities. The book aims to serve as a tool for memory, denunciation, and critical reflection on the limits of extractive development in the Brazilian semi-arid region.

Keywords: environmental journalism; iron mining; social and environmental impacts; public health; Quiterianópolis

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 OBJETIVOS.....	12
2.1 Geral.....	12
2.2 Específicos.....	12
3 PROBLEMA DE PESQUISA.....	13
4 JUSTIFICATIVA.....	14
5 REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
6 METODOLOGIA.....	16
6.1 Pesquisa documental.....	17
6.2 Pesquisa bibliográfica.....	18
6.3 Apuração.....	18
7 SUPORTE.....	22
8 ESTRUTURA DO PRODUTO.....	23
9 PROJETO GRÁFICO.....	24
9.1 Dados técnicos.....	24
9.2 Capa e contracapa.....	25
9.3 Miolo do livro e imagens.....	26
9.4 Paleta de cores.....	28
10 CRONOGRAMA.....	30
11 REFLEXÕES GERAIS SOBRE A PRODUÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM.....	31
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	34
ANEXOS.....	35

1. INTRODUÇÃO

O município de Quiterianópolis, situado no sertão cearense e caracterizado por seu clima semiárido e forte dependência dos recursos hídricos do Rio Poti, tornou-se, a partir de 2010, cenário de um intenso conflito socioambiental.

A instalação da mineradora chinesa Globest Participações LTDA, com a promessa de desenvolvimento e geração de empregos, provocou profundas transformações no território e na vida das comunidades locais, especialmente aquelas situadas nos arredores da Serra do Besouro.

Em vez do progresso anunciado, a população enfrentou a degradação do meio ambiente, a precarização de atividades tradicionais como a agricultura e a pesca, e o adoecimento coletivo vinculado à poluição do ar, do solo e da água.

Os mais atingidos são as comunidades de Bandarro, Monteiro e Besouro, localizadas a cerca de 20 quilômetros do centro da cidade, e os pescadores de Novo Oriente, abastecidos pelo Açude Flor do Campo.

Diante disso, o presente trabalho se propôs a investigar e documentar os efeitos da atividade mineradora sobre os moradores e o território, a partir da escuta dos atingidos, da análise de dados públicos e da consulta a especialistas. Ou seja, surge como uma resposta jornalística a essa crise, com o objetivo de investigar os efeitos da mineração sobre o território e sobre as comunidades atingidas.

O trabalho se ancora em uma abordagem narrativa e investigativa, combinando escuta sensível, apuração rigorosa e contextualização técnica para lançar luz sobre uma realidade historicamente silenciada.

Além da apuração em campo, a pesquisa envolveu análise de documentos públicos, entrevistas com especialistas e confronto entre dados oficiais e relatos populares, evidenciando lacunas no processo de licenciamento, falhas de fiscalização e ausência de políticas reparatórias eficazes.

Este livro-reportagem surge da necessidade de lançar luz sobre as consequências da mineração de ferro da Globest em Quiterianópolis, investigando os impactos socioambientais e econômicos que a empresa gerou, e a complexa relação entre o setor privado, os órgãos públicos e as comunidades afetadas.

Ademais, a abordagem adotada neste trabalho está ancorada nos fundamentos do jornalismo literário, investigativo e ambiental. Além disso, tem como uma das metodologias a

observação direta a partir de um estudo de caso. Assim, foi delimitado o tema nos impactos da mineração de ferro no período entre 2010 e junho de 2025.

A obra não apenas denuncia as violações socioambientais, mas também problematiza o papel do Estado, das empresas e da mídia diante do avanço de empreendimentos extrativistas em regiões vulneráveis.

Ao produzir uma obra jornalística com base em evidências técnicas, relatos humanos e apuração rigorosa, este produto se propõe não apenas a informar, mas também a provocar reflexão pública, questionar políticas extrativistas e contribuir para o registro da memória coletiva das comunidades atingidas.

2. OBJETIVOS

Este trabalho tem como base os seguintes objetivos:

2.1. Geral

Elaborar um livro-reportagem para investigar e documentar os impactos socioambientais e econômicos gerados pela operação da mineradora Globest em Quiterianópolis, no Ceará, por meio de pesquisa jornalística de campo e documental.

2.2. Específicos

- Analisar o processo de licenciamento ambiental da Globest, identificando a atuação dos órgãos reguladores.
- Investigar o histórico da atividade mineradora na Serra do Besouro.
- Detalhar os impactos socioambientais e econômicos.
- Documentar as consequências na saúde da população local.
- Contar, por meio dos depoimentos e experiências dos moradores afetados, a realidade daquela comunidade.
- Confrontar os dados oficiais e documentos institucionais com os relatos populares.
- Apontar a ausência ou fragilidade de ações de fiscalização, monitoramento e reparação.

3. PROBLEMA DE PESQUISA

A atuação de empreendimentos mineradores em áreas rurais do semiárido brasileiro, como é o caso de Quiterianópolis, suscita uma série de questionamentos sobre os limites

entre o desenvolvimento econômico e os direitos das populações tradicionais que ocupam essas regiões há gerações.

A chegada da mineradora Globest Participações LTDA ao município, no fim de 2010, inaugurou um ciclo de extração de minério de ferro marcado por denúncias de violações ambientais, impactos à saúde pública e ausência de diálogo com as comunidades atingidas.

Conforme Erivan Silva (2019), a mineração chegou no território sertanejo e semiárido quiterianopolense sob o viés da narrativa do desenvolvimento econômico e do progresso associado às promessas de geração de empregos e de melhorias de vida, ocultando as contradições da imposição desta lógica de desenvolvimento em diversos territórios.

Em Quiterianópolis detectou-se a presença falha do Estado, quando este por diversas vezes, através do seu órgão ambiental a Superintendência Estadual do meio Ambiente (SEMACE), deixou que a mineração funcionasse com licenças ambientais cassadas, ou seja, de forma irregular e criminosa. O Estado tem um lado, e nem é necessário dizer que não é o lado das classes dominadas, mas sim, da classe dominante, mesmo que ele próprio se apresente como mediador de conflitos (SILVA, 2019).

Mesmo diante de relatos consistentes de adoecimento, alterações na paisagem, escassez de água e prejuízos à agricultura e à pesca, não há registros públicos de estudos prévios de impacto ambiental (EIA/RIMA) por parte da empresa, nem dados oficiais que permitam rastrear, de forma precisa, o vínculo entre a atividade mineradora e os danos enfrentados pelas populações locais.

A cobertura midiática convencional, focada nos aspectos econômicos da exploração mineral, contribuiu ainda mais para silenciar os efeitos colaterais desse modelo de desenvolvimento extrativista. A narrativa dominante privilegiou o investimento financeiro e os volumes de exportação de minério, sem considerar os prejuízos coletivos e as histórias individuais dos moradores impactados.

Diante disso, o problema que motivou esta pesquisa jornalística foi compreender de que forma a atuação da Globest impactou diretamente a vida das comunidades vizinhas ao empreendimento, ao mesmo tempo em que revelou a ausência de mecanismos eficazes de fiscalização, reparação e escuta por parte do poder público.

Assim, buscou-se reunir documentos oficiais, dados técnicos e relatos de moradores para romper com a invisibilidade das vítimas do extrativismo mineral e construir uma narrativa sobre a crise socioambiental instalada em Quiterianópolis.

4. JUSTIFICATIVA

A realização deste livro é justificada pela necessidade de lançar luz sobre os profundos impactos socioambientais causados pela mineração de ferro da empresa Globest em Quiterianópolis, Ceará, e municípios adjacentes. Uma história que, até então, permanece "invisível" ou sub notificada pelas autoridades.

Em um contexto em que o discurso do progresso e do desenvolvimento econômico é utilizado para justificar grandes empreendimentos extrativistas, torna-se essencial compreender os impactos sociais, ambientais e de saúde pública que recaem sobre populações vulnerabilizadas e sem acesso a canais institucionais de denúncia ou reparação.

A escolha por uma abordagem jornalística investigativa e literária se baseia na premissa de que o jornalismo, enquanto prática social e ética, tem como um dos princípios ouvir vozes silenciadas e expor realidades ocultas pelos discursos oficiais e pelas narrativas econômicas.

A relevância acadêmica desta pesquisa também se dá pelo ineditismo da sistematização de dados e informações sobre a atuação da Globest em Quiterianópolis, ao lado de uma construção narrativa que une jornalismo de dados, reportagem em campo e jornalismo literário.

Ao abordar a mineração a partir das experiências concretas de adoecimento, empobrecimento, perda territorial e crise hídrica, a investigação contribui para a ampliação do debate público sobre justiça ambiental e direitos das comunidades tradicionais no Brasil semiárido.

Ademais, reforça o papel do jornalismo como ferramenta de memória, resistência e denúncia. Nesse sentido, destaca-se também a ausência de cobertura aprofundada por parte da grande mídia: trata-se de uma pauta que não encontra espaço nas mídias hegemônicas, e, quando eventualmente aparece, é tratada de forma superficial, limitada ao enquadramento econômico ou institucional.

Apenas em 2019, quando os impactos ambientais foram expostos no Rio Poti, foram feitas reportagens em veículos como Diário do Nordeste e O Povo. Depois disso, nada mais foi abordado de forma aprofundada.

A falta de escuta ativa às comunidades impactadas, bem como a invisibilização de suas narrativas, contribui para a reprodução de silêncios e para a manutenção de um modelo de desenvolvimento que ignora os custos sociais e ambientais de seus próprios processos.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

A construção do livro-reportagem “Sob o Peso do Ferro” está fundamentada em três eixos teóricos principais: o jornalismo literário como linguagem e estrutura narrativa; o jornalismo investigativo como método de apuração e o jornalismo ambiental como campo de denúncia socioecológica.

Conforme Rocha e Xavier (2013, p.144), considera-se um livro-reportagem “quando uma obra trata de acontecimentos ou de fenômenos reais e utiliza, para sua produção, procedimentos metodológicos inerentes ao campo do jornalismo, sem, contudo, descartar certas nuances literárias.”

Deste modo, a escolha pelo formato se ancora na tradição do jornalismo literário, que permite a reconstrução de realidades complexas a partir da escuta sensível, do uso de cenas, personagens reais, diálogos e descrição imersiva.

Isso porque a retórica utilizada no livro-reportagem “difere-se dos outros formatos jornalísticos (notícia, reportagem, nota) não pela simples constatação de ser mais extensa, mas por ter a possibilidade de mesclar diferentes gêneros: interpretativo, investigativo e literário” (Rocha e Xavier, 2013, p.152).

Outrossim, Edvaldo Lima (2008) defende o jornalismo literário como uma prática que utiliza recursos de observação e redação originários ou inspirados pela literatura. “Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização.”

O trabalho também se estrutura sob as bases do jornalismo investigativo, caracterizado por uma verdade comprometida com uma prática, segundo constrangimentos de técnicas produtivas que buscam ocultar relações de poder. (Lage, 2001, p.137).

Para esse tipo de jornalismo, a apuração exige tempo, cruzamento de fontes, análise documental e um olhar atento sobre os bastidores do poder público e privado. Conforme defende o autor, “complicada ou não, a pesquisa é a base do melhor jornalismo.” (Lage, 2001, p.59)

Segundo Cleofe Sequeira (2005, p.15), o simples fato de um texto jornalístico conter estatísticas, documentação e declarações não o define como jornalismo investigativo, pois todas essas informações podem ser obtidas de uma fonte oficial, extraída de documentação ou entregue em forma de press-release. “Só no momento em que o repórter passa a utilizar técnicas e estratégias que não fazem parte das rotinas dos trabalhos jornalísticos de atualidade a reportagem se transforma em reportagem investigativa.”

No caso de nossa investigação sobre a Globest, foi possível identificar que há lacunas nos processos de licenciamento, ausência de estudos prévios e negligência institucional, muitos apurados por meio de pedidos via Lei de Acesso à Informação (LAI) ou entrevistas com especialistas e análise de documentos técnicos.

A obra se insere ainda no campo do jornalismo ambiental, uma vertente que ultrapassa a cobertura de desastres e políticas ambientais para refletir sobre os modelos de desenvolvimento, os conflitos territoriais e as injustiças ecológicas.

Conforme Ângela Camana e Eloisa Loose (2015, p.121), a área é engajada com a sustentabilidade da vida, que visa compreender a complexidade das relações ambientais e revelar a possibilidade de outros caminhos, baseados em uma racionalidade integradora e não dominadora.

Pressupõe-se, assim, que o Jornalismo Ambiental pode contribuir para o enfrentamento e compreensão dos riscos inerentes à sociedade contemporânea. A reflexão que segue busca articular a construção social dos riscos com as contribuições que o jornalismo pode dar para disseminar outras ideias, compatíveis com o cuidado e o saber ambiental (Camana e Loose, 2015, p.121).

6. METODOLOGIA

A metodologia utilizada na construção deste produto jornalístico adota uma abordagem qualitativa, investigativa e imersiva. Foram realizadas entrevistas em profundidade com moradores das comunidades afetadas. Entre eles, agricultores, pescadores, ex-funcionários da Globest e lideranças locais.

O método de escuta ativa foi essencial para captar não apenas dados, mas memórias, sentimentos e percepções sobre os impactos da mineradora Globest. Os relatos foram registrados por meio de gravações e anotações. Também foram utilizadas como recursos as entrevistas realizadas anteriormente, por outros pesquisadores como Erivan Silva (2019), com os indivíduos que já faleceram.

A observação direta também é um dos pilares metodológicos deste trabalho, ancorada na abordagem do estudo de caso, conforme definido por Gil (2002, p.54 e 55). Para o autor, o estudo de caso consiste na investigação aprofundada de um objeto ou de um número reduzido de unidades, com o objetivo de obter uma compreensão ampla, contextual e densa da situação analisada.

Tal abordagem é especialmente eficaz quando se busca compreender fenômenos complexos em contextos específicos, nos quais outros delineamentos de pesquisa não dariam conta da profundidade necessária. “Os propósitos do estudo de caso não são os de proporcionar o conhecimento preciso das características de uma população, mas sim o de

proporcionar uma visão global do problema ou de identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados.”

No presente trabalho, os municípios de Quiterianópolis e Novo Oriente foram adotados como estudo de caso, por representar um cenário emblemático dos impactos socioambientais da mineração de ferro no semiárido brasileiro.

Já a observação direta ocorreu em duas incursões, realizadas nos meses de maio e dezembro de 2024, e consistiu em caminhadas pelas comunidades de Bandarro, Monteiro, Besouro e arredores da Serra do Besouro, bem como ao entorno do Açude Flor do Campo, em Novo Oriente.

Para Lakatos e Marconi (2003, p.190), a observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar.

A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida da investigação social (Lakatos e Marconi, 2003, p.191).

6.1 Pesquisa documental

De início, houve uma análise documental de notícias ou registros sobre a situação da Globest em Quiterianópolis. Ao todo, foram encontradas 23 notícias ou reportagens em veículos de comunicação como O Povo, Diário do Nordeste, Brasil de Fato, mas também em sites de assessorias de comunicação como da Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos (Cogerh) e do deputado estadual Renato Roseno (Psol), além do publicado no endereço eletrônico do Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM). A tabela está disponível no Anexo A.

Também há dois documentários publicados: um produzido pela Alece TV, em 2020, intitulado “Mineração em Quiterianópolis: o progresso que correu pelo Rio”, e outro chamado “Sertão dos Inhamuns: Mineração e Destruição”, do mesmo ano, mas realizado pelo MAM.

Além de fornecer um panorama atualizado e público das discussões em torno do empreendimento, as matérias jornalísticas também foram utilizadas como apoio à apuração de campo, servindo para confirmar ou contrastar versões apresentadas nas entrevistas.

6.2 Pesquisa bibliográfica

Por outro lado, a pesquisa bibliográfica envolveu a busca de artigos, teses e dissertações sobre a exploração do minério de ferro em Quiterianópolis. Ao todo, foram achados 17 entre documentos do tema ou relacionados a ele, conforme registrado no Anexo B.

Os estudos acadêmicos forneceram suporte para a análise não só da situação no município, mas para entender os aspectos mais amplos como o modelo de exploração e técnicas desenvolvidas na Região. A bibliografia consultada permitiu também dialogar com experiências semelhantes vividas em outros territórios do Brasil e da América Latina, ampliando o olhar sobre o que ocorre em Quiterianópolis para além de um caso isolado, inserindo-o num cenário maior de disputas por terra, água e poder.

6.3 Apuração

A base da apuração se concentrou em entrevistas semi estruturadas, guiadas por roteiros abertos, com espaço para relatos livres, memórias, denúncias e percepções subjetivas. Ao todo, foram 18 entrevistas, sendo dez com especialistas ou órgãos oficiais e oito com moradores afetados ou residentes de Quiterianópolis.

Além disso, houve incursões e observação direta dos espaços impactados, como a área da Serra do Besouro, o entorno da mineradora, áreas agrícolas afetadas e o Açude Flor do Campo. Essas visitas permitiram registrar imagens, sensações e o ambiente social das comunidades.

Especialistas das áreas de geografia, meio ambiente e saúde pública também foram consultados para contextualizar tecnicamente os impactos observados na região. A análise técnica dos impactos sobre o solo, a água e o ar foi cruzada com os relatos populares, buscando validar as percepções locais com base científica.

A pesquisa teve início em março de 2024, com a realização de um levantamento documental preliminar, composto por reportagens, estudos técnicos, atas públicas, registros processuais e relatórios ambientais, alguns dos quais esquecidos ou de difícil acesso. Esse esforço inicial permitiu identificar os principais agentes envolvidos no debate sobre o empreendimento minerário em Quiterianópolis, especialmente os que atuavam em defesa das populações afetadas.

Destacam-se, nesse contexto, o Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM) e o Escritório de Direitos Humanos Frei Tito de Alencar, que não apenas forneceram

dados relevantes, mas também viabilizaram os primeiros contatos com moradores impactados.

A primeira incursão à Quiterianópolis ocorreu em maio de 2024, com o objetivo de realizar uma imersão territorial. Ainda sem entrevistas agendadas, buscou-se uma aproximação sensível ao território: à paisagem, à presença física da mineradora Globest e à percepção da população local.

Foram feitas pelo menos três incursões à área do empreendimento, localizado na região da Serra do Besouro, onde já era possível observar a dimensão da estrutura. À época, a atividade estava suspensa por ausência de licenciamento municipal e estadual.

Durante essa visita, houve uma tentativa de contato direto com a empresa. Ao chegar à entrada da unidade, um funcionário atendeu e, após alguns minutos, surgiu um homem que se apresentou como capitão da Polícia Militar do Maranhão, o que causou estranhamento, dado o contexto.

Embora tenha sido solicitado o preenchimento de um contato telefônico para eventual retorno, até o encerramento desta pesquisa, não houve qualquer resposta oficial da Globest, nem foi possível localizar canais formais de comunicação institucional da empresa.

Ainda nesse primeiro momento, foram realizadas conversas informais com moradores da área urbana de Quiterianópolis, localizada a mais de 20 km da sede da mineradora. Muitos relataram conhecer pessoas diretamente afetadas pela operação da empresa, ainda que o contato direto com a mineradora fosse limitado.

Uma dessas interações possibilitou o encontro com um ex-funcionário da Globest, conhecido como Sr. Nascimento, atualmente dono de um restaurante local, cuja trajetória de trabalho remonta aos primeiros anos de funcionamento da empresa no estado.

Já entre os meses de junho e setembro de 2024, a pesquisa concentrou-se no contato com representantes institucionais e técnicos. Foram entrevistadas figuras-chave para a compreensão do contexto jurídico e político do empreendimento: Cecília Paiva (advogada do Escritório Frei Tito), Erivan Silva (representante do MAM no Ceará) e Haroldo Júnior (promotor de Justiça do Ministério Público do Estado do Ceará). Essas entrevistas permitiram uma compreensão mais ampla dos conflitos socioambientais envolvidos, das ações judiciais em curso e das vulnerabilidades enfrentadas pela população atingida.

No início de dezembro de 2024, foi realizada a segunda incursão a Quiterianópolis, já com entrevistas previamente articuladas. Com o apoio de Silvia Macedo e Oscar (moradores afetados), foi possível conhecer de perto os relatos das comunidades impactadas.

Diferentemente da primeira visita, desta vez as operações da Globest estavam ativas, o que permitiu observar diretamente os efeitos da atividade mineradora, como a emissão de poeira e a alteração perceptível na qualidade do ar.

A agenda de campo incluiu visitas a pescadores e moradores do entorno do Açude Flor do Campo. As entrevistas ocorreram em espaços domésticos, como quintais e cozinhas, o que favoreceu um ambiente de escuta sensível. Os relatos revelaram sentimentos de medo, insegurança alimentar e abandono institucional, especialmente em relação à ameaça de contaminação da água e às incertezas quanto à continuidade de atividades como a pesca artesanal.

No retorno da viagem, intensificaram-se as tentativas de contato com órgãos públicos envolvidos no licenciamento ambiental, como a Superintendência Estadual do Meio Ambiente (Semace) e a Prefeitura Municipal de Quiterianópolis. A Secretaria Municipal de Saúde alegou inviabilidade técnica para fornecer dados epidemiológicos relacionados a doenças dermatológicas, respiratórias e oncológicas.

Outrossim, a então secretária de Meio Ambiente, Divina Sousa, afirmou não ter tido contato direto com a questão da mineradora, indicando que a responsabilidade técnica estaria sob gestão da Autarquia de Meio Ambiente, na pessoa de Yara Ximenes. Contudo, a tentativa de entrevista foi frustrada, sendo redirecionada para o Gabinete da Prefeita, que também não respondeu aos pedidos.

Dificuldades estruturais também marcaram esse período da investigação: o site oficial da Prefeitura encontrava-se com problemas técnicos, o que inviabilizou o uso do Sistema Eletrônico de Informação ao Cidadão (e-SIC) para protocolar pedidos via Lei de Acesso à Informação (LAI). Apesar do envio, nenhuma foi respondida ou encaminhada aos setores responsáveis.

No caso da Semace, a comunicação iniciou-se em outubro de 2024, mas não avançou. Foram enviados diversos e-mails, mensagens e tentativas de ligação, sem retorno efetivo. Em abril e maio de 2025, mesmo com nova sinalização de que o setor de licenciamento entraria em contato, não houve qualquer posicionamento oficial. A Secretaria do Meio Ambiente e Mudança do Clima (Sema), por sua vez, informou que o processo estava sob responsabilidade exclusiva da Semace.

Diante da ausência de informações oficiais, optou-se por buscar esclarecimentos técnicos junto a docentes dos cursos de Engenharia de Minas e Engenharia Ambiental da Universidade Federal do Ceará (UFC).

No entanto, os especialistas consultados relataram ausência de dados suficientes para realizar uma análise aprofundada do caso. O esclarecimento das dúvidas ocorreu apenas após contato com uma profissional da área de consultoria ambiental, com experiência em processos de licenciamento e elaboração de EIA/RIMA.

Cabe destacar ainda que a investigação se valeu de uma série de bases de dados abertas, documentos oficiais e plataformas públicas de informação para complementar e validar os relatos das comunidades afetadas pela atuação da Globest.

Foram consultados sites como Comex Stat, para dados de exportações, além dos sistemas “Sigmine” e “Pesquisa de Processos”, dentro da Agência Nacional de Mineração (ANM), com objetivo de entender os aspectos técnicos da empresa em Quiterianópolis e mapear a quantidade de mineradoras do mesmo setor de exploração no Brasil.

Sobre os dados de saúde pública, houve tentativas por diversas esferas (municipal, estadual e federal) para tentar conseguir os números dermatológicos, respiratórios e cancerígenos em Quiterianópolis, até mesmo pela LAI. Contudo, só foi possível obter os casos de internações e falecimentos das doenças por meio de apuração própria na plataforma DataSUS e pelo painel disponibilizado no site do Instituto Nacional de Câncer (INCA).

Nem todos os entrevistados aparecem no produto final, porém, foram fundamentais para a contextualização e apuração da pesquisa. São eles:

ENTREVISTA	FUNÇÃO	FORMATO
Agência Nacional de Mineração (ANM)	Responsável pela gestão da atividade de mineração	E-mail
Cecília Paiva	Advogada do Frei Tito	Presencial
Divina Souza	Secretária do Meio Ambiente de Quiterianópolis	Telefone
Elizângela	Pescadora afetada	Presencial
Erivan Silva	Diretor do MAM	Videochamada
Francisco Diones	Professor da Engenharia de Minas na UFC Crateús	Videochamada
Jeovah Meireles	Geógrafo	Videochamada
–	Consultoria ambiental	Whatsapp
José Haroldo	Promotor de Justiça de	Telefone

	Quiterianópolis (MPCE)	
José Ribamar	Morador afetado	Presencial
Lucas Lacerda	Secretário de Gestão de Articulação Política de Quiterianópolis	Telefone
Manoel Lauro	Morador afetado	Presencial
Nascimento	Ex-funcionário da Globest	Presencial
Nutec	–	E-mail
Oscar Macedo	Morador afetado	Presencial
Pedro	Morador afetado	Presencial
Silvia Macedo	Moradora afetada	Presencial
Zé do Canto	Morador afetado	Presencial

7. SUPORTE

O suporte escolhido para a apresentação final desta investigação jornalística foi o livro-reportagem, um formato que combina o factual do jornalismo com a profundidade narrativa da literatura.

O livro-reportagem é reconhecido como um dos gêneros mais completos do jornalismo narrativo, por permitir a construção de uma obra que articula dados, documentos, entrevistas, observações e relatos humanos em uma narrativa coesa, envolvente e reflexiva.

Segundo Edvaldo Pereira Lima (2009), o livro-reportagem atua como uma “página ampliada” do jornalismo tradicional, capaz de explorar as camadas profundas de um problema social com mais tempo, contexto e sensibilidade.

A opção por esse suporte se justifica especialmente pelo fato de que os efeitos da mineração sobre as comunidades de Quiterianópolis não podem ser resumidos em textos curtos ou reportagens episódicas. São impactos acumulados, muitas vezes invisíveis, que exigem escuta prolongada, imersão no território e reconstrução das memórias afetadas.

Outro ponto é que permite respeitar o tempo das fontes e o ritmo da apuração. Os relatos colhidos ganharam espaço para serem contextualizados, compreendidos e humanizados.

8. ESTRUTURA DO PRODUTO

O livro-reportagem é dividido em um prólogo, seis capítulos e um posfácio, organizados de forma temática. Cada capítulo aprofunda uma dimensão do conflito socioambiental provocado pela atividade mineradora da empresa Globest em Quiterianópolis (CE).

- **Prólogo**

Apresentação das comunidades afetadas antes da chegada da Globest. Foram representados os modos de vida e o que tinha antes da mineradora

- **Capítulo 1: Os sonhos que viraram pó**

Demonstra o cenário geral: o sertão, a vinda da mineradora, o espanto das comunidades. Também aponta a ausência de diálogo e o sentimento de abandono, assim como traz uma linha do tempo para entender a atuação da empresa há mais de uma década.

- **Capítulo 2: Os invisíveis**

Mostra os efeitos da poeira do minério de ferro sobre a saúde da população. Relatos de moradores com sintomas respiratórios e casos de câncer, com dados de saúde coletados. Aqui é tratado o aspecto do ar.

- **Capítulo 3: Ferida aberta na terra**

Relata como a atividade mineradora contaminou ou empobreceu o solo. Impactos na agricultura familiar e depoimentos de agricultores sobre a terra que “não respira”. Alteração da paisagem e da relação simbólica da comunidade com a terra.

- **Capítulo 4: Cadê o peixe que estava aqui?**

Aborda o impacto sobre a água da região: contaminação do Rio Poti e do Açude Flor do Campo. Relatos de pescadores e agricultores sobre o desaparecimento da fauna aquática, uma das principais atividades em Novo Oriente.

- **Capítulo 5: Licença para destruir**

Expõe as omissões dos órgãos públicos e como têm agido com os moradores da Região. Com isso, há a necessidade da criação de um poder paralelo, com entes que defendam os afetados.

- Capítulo 6: O sofrimento que não passa

Analisa o atual cenário com as atividades da Globest. Comunidades permanecem sem reparação, com sequelas ambientais e sociais. Há um vazio institucional e uma luta ainda em curso por justiça.

- Posfácio

Descrição do processo de produção do livro-reportagem, assim como o procedimento realizado com cada fonte e as dificuldades encontradas durante a pesquisa.

9. PROJETO GRÁFICO

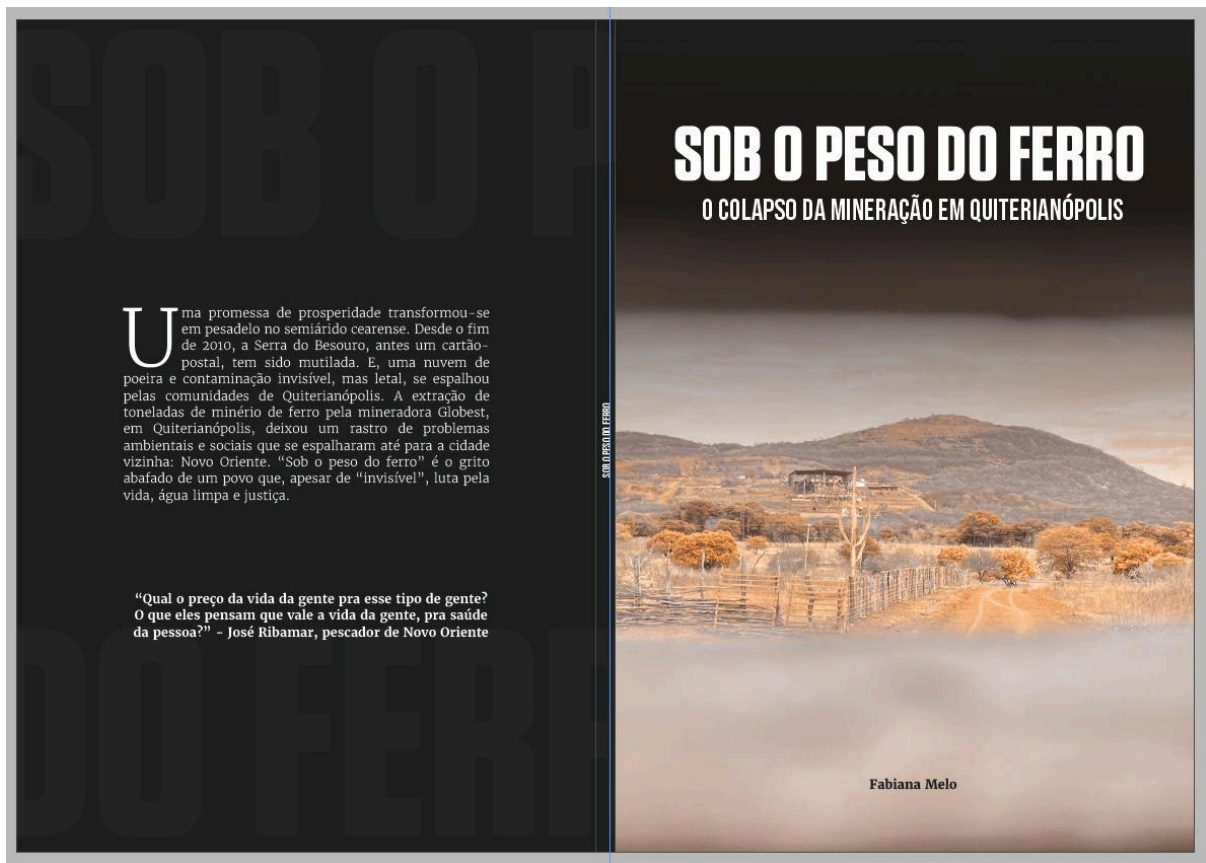
O projeto gráfico do livro “Sob o peso do ferro: o colapso da mineração em Quiterianópolis” é composto por diagramação, paleta de cores, imagens, elementos gráficos e tipografia de capa e conteúdo. A estrutura foi produzida no programa Adobe Indesign.

9.1 Dados técnicos

- Páginas: 95
- Suporte: impresso e digital
- Tamanho: 16 cm x 23 cm
- Margem: 15mm
- Sangria: 5mm
- Tipografia da capa: Tungsten bold
- Tipografia do conteúdo: Bebas Neue (capítulo) e Merriweather Light (corpo do texto)
- Tamanho da letra do corpo do texto: 11 pt
- Espaço entre as linhas: 1,5

9.2 Capa e contracapa

A capa do livro-reportagem “Sob o peso do ferro: o colapso da mineração em Quiterianópolis” utiliza como imagem principal uma fotografia do território afetado pela atividade mineradora da empresa Globest, localizada na Serra do Besouro, em Quiterianópolis (CE). A escolha da imagem busca reforçar visualmente a atmosfera de abandono, desgaste ambiental e resistência comunitária que atravessa toda a obra.



Fonte: Material Fabiana Melo/Adobe Indesign

A fotografia, de autoria própria, capta elementos da paisagem natural já alterada pela presença da mineração, como solo exposto, vegetação degradada ou estruturas do empreendimento, compondo uma ambientação densa e simbólica para a narrativa jornalística. Além disso, foi retirada a partir da fresta da janela de uma das moradoras afetadas, Silvia Macedo.

A tipografia utilizada na capa é a Tungsten Bold, uma fonte de traços retos e robustos, que comunica força, rigidez e impacto. Estes atributos estão relacionados tanto à presença

física do ferro e da mineração quanto à seriedade do tema abordado. O uso dessa fonte busca reforçar o peso do título e evocar a gravidade das denúncias tratadas no livro-reportagem.

Por outro lado, a contracapa foi concebida como um espaço de síntese e emoção. Nela, o leitor encontra dois elementos centrais: a sinopse da obra, que contextualiza brevemente o conteúdo investigativo e narrativo, e um trecho do depoimento do pescador José Ribamar, uma das vozes afetadas pela atividade mineradora na região do Açude Flor do Campo.

Essa escolha editorial confere à contracapa uma função dupla: informar e emocionar. Ao articular o resumo do conteúdo investigativo com a voz real de um dos moradores afetados, a contracapa antecipa ao leitor o tom da obra: sensível, crítico e comprometido com a denúncia e a memória coletiva.

9.3 Miolo do livro e imagens

Para o corpo do texto, a fonte escolhida foi a Merriweather, no tamanho 11 pt e espaçamento 1,5. Por ser serifada, a tipografia favorece a [leitura](#). As titulações presentes para o título do capítulo são feitas com a Bebas Neue.

Com relação às imagens, foram usadas fotografias de autoria própria, assim como fotos cedidas por Erivan Silva, Victor Bernardino, Romário e Silvia Macedo. Também há imagens retiradas dos relatórios apresentados no licenciamento da Superintendência Estadual do Meio Ambiente (Semace), assim como reprodução de órgãos públicos, por exemplo, a Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos.

manufaturas intensivas em recursos naturais passaram a ocupar um papel ainda mais expressivo na pauta comercial entre os dois países.

Por exemplo, o volume de minério de ferro exportado para a China cresceu de forma vertiginosa a partir do ano 2000, saltando de modestos 15 milhões de toneladas para impressionantes 263 milhões em 2023. E se tomou, de longe, o principal destino desse valioso recurso, absorvendo mais da metade (52%) das exportações brasileiras de minérios metálicos e sucata entre 2017 e 2023.

Os números, frios em sua objetividade, ganham calor quando imaginamos a vastidão dessa troca. Montanhas sendo movidas, frotas navegando, cidades crescendo, comunidades afetadas. Tudo interligado pelo fluxo constante desse minério essencial. A força da corrente que liga o ferro brasileiro à sede chinesa por progresso permanece inegável. É uma história onde a riqueza natural de um país encontra o ímpeto industrial de outro, moldando não apenas balanças comerciais, mas também os contornos do cenário econômico global.



De acordo com os dados oficiais da Superintendência Estadual do Meio Ambiente (Semace), em novembro de 2010 foi solicitada a primeira permissão para um desmatamento, ou seja, a limpeza de terreno para a implantação da Globest. Esta é uma das primeiras etapas para qualquer empreendimento. Porém, apenas em janeiro de 2012 houve a emissão da licença.

Por outro lado, no caso da regularização para o beneficiamento de minério de ferro, instrumento que permite a realização de atividades de tratamento e preparação da subsistência para obter produtos mais adequados para a indústria siderúrgica, o requerimento foi realizado em abril de 2011, com liberação no mesmo mês.

No mesmo ano, em maio, foi demandada uma autorização para extração de minério de ferro. Meses depois, em setembro, a mineradora teve o seu pedido aceito. São solicitados, quando necessário, três tipos de licença para construções de empreendimentos que possam

Os sonhos que viraram pó

prejudicar o entorno tanto socialmente quanto ambientalmente. Eles podem ser de qualquer natureza como fábrica, estrada, usina, loteamento, shopping, porto, mineração.

LICENÇA PRÉVIA (LP)

Primeira etapa para desenvolver um empreendimento ou atividade que cause impacto ambiental. Aprova a localização e a viabilidade ambiental do projeto ainda na fase de planejamento, indicando se é adequado e se a atividade pretendida pode ser realizada sem causar danos graves ao meio ambiente.

LICENÇA DE INSTALAÇÃO (LI)

Autoriza o início das obras e da instalação do empreendimento, desde que sigam exatamente o que foi aprovado no projeto e atendam todas as condições ambientais estabelecidas na LP.

LICENÇA DE OPERAÇÃO (LO)

Autoriza o funcionamento do empreendimento ou atividade oficialmente, após verificação de que tudo foi construído corretamente e que as exigências ambientais foram cumpridas.

A opção por retratar os personagens por meio de ilustrações autorais, e não por fotografias, está fundamentada em uma escolha narrativa e estética coerente com o projeto gráfico e com o espírito literário do livro-reportagem.

Ao longo da obra, a narrativa busca reconstruir cenas, atmosferas e emoções que envolvem os moradores afetados pela mineração em Quiterianópolis. O uso da ilustração, nesse contexto, contribui para reforçar a dimensão sensível e subjetiva da história contada. Especialmente pela escolha de trazer uma frase junto com o personagem.



Ao contrário da fotografia, que tende a capturar um instante fixo, a ilustração dialoga com a linguagem do jornalismo literário, ao operar no plano do simbólico e do expressivo. Ela oferece ao leitor uma experiência visual que se aproxima do sensível, favorecendo a imersão narrativa e ampliando as possibilidades de leitura emocional do formato. O único que não possui fotografia é o personagem Nascimento, que optou por não ter sua imagem exposta, visto que é um ex-funcionário da Globest.

A utilização de ilustrações foi uma escolha intencional que reforça a proposta literária e sensível do projeto. Elas atuam como ferramenta de tradução emocional da realidade,

complementando o texto, enriquecendo a narrativa e criando uma linguagem visual coerente com os objetivos editoriais da obra.

9.4 Paleta de cores

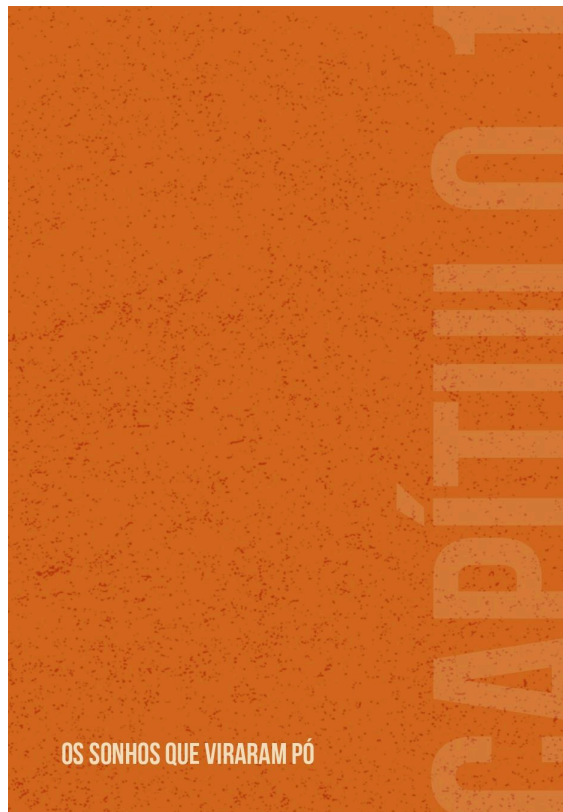
A paleta de cores do livro-reportagem *Sob o Peso do Ferro* foi concebida de forma estratégica, com o objetivo de dialogar simbolicamente com os temas centrais da narrativa e reforçar, visualmente, os diferentes momentos da obra. Cada cor escolhida possui uma função específica no projeto gráfico e está associada a uma dimensão afetiva, ambiental ou institucional do conflito relatado.



Fonte: Material Fabiana Melo/ Canva

A cor #8B3A3A, um vermelho-ferrugem escuro, foi utilizada na linha do tempo e em infográficos, remetendo diretamente à coloração do minério de ferro oxidado e à terra contaminada. Sua densidade visual evoca o peso do tempo e a degradação contínua provocada pela mineração.

A transição entre os capítulos 1 e 2 é marcada pela cor #D2691E, um laranja queimado que remete ao calor intenso do sertão e à poeira em suspensão no ar, uma das principais fontes de contaminação e adoecimento na comunidade. Essa tonalidade simboliza o impacto da mineração sobre o ar e os corpos, tema abordado no segundo capítulo.



Fonte: Material Fabiana Melo/Adobe Indesign

Entre os capítulos 3 e 4, utiliza-se a cor #6A7B62, um verde escurecido e opaco, que simboliza a vegetação enfraquecida e o ambiente natural em colapso. Essa cor espelha a degradação do ambiente no entorno e da produção agrícola, abordada no capítulo sobre a terra, bem como a crise hídrica tratada no capítulo seguinte.

Para a transição entre os capítulos 5 e 6, adota-se o tom #5B6D7A, um azul acinzentado que transmite frieza, distância e rigidez. Ele foi escolhido para representar a postura do poder público frente aos impactos da mineração, que é marcada pela omissão, burocracia e desumanização institucional.

Por fim, as partes introdutórias e de encerramento (prólogo, posfácio e agradecimentos) são identificadas pela cor #F4E1C1, um bege claro que sugere reflexão, memória e silêncio. Essa cor suave funciona como uma moldura afetiva para a narrativa, marcando o início e o fim do percurso investigativo e literário.

Além dessas cores principais, foram utilizados tons neutros de cinza escuro (#555555) para textos auxiliares e elementos gráficos secundários, conferindo equilíbrio visual sem sobrecarregar a leitura. Já o tom #1E1E1E, um preto apagado, foi empregado em títulos e fundos de destaque, conferindo peso, contraste e reforçando a gravidade dos temas abordados.

A paleta, portanto, não cumpre apenas uma função estética, mas reforça a imersão do leitor no universo narrado. As cores ajudam a traduzir sensações como calor, abandono, contaminação, resistência e opressão.

10. CRONOGRAMA

A elaboração deste livro-reportagem demandou um período total de 16 meses, entre março de 2024 e julho de 2025. Ao longo desse tempo, o processo foi dividido em etapas complementares e sobrepostas, que envolveram desde o levantamento inicial de dados até a finalização editorial do produto.

O trabalho iniciou-se com uma fase de pesquisa documental e bibliográfica, fundamental para compreender o histórico da atividade mineradora no município, mapear agentes envolvidos e identificar lacunas de informação, ainda em março de 2024.

Na sequência, foram realizadas duas visitas de campo: a primeira, em maio de 2024, com foco em observação e reconhecimento territorial; a segunda, em dezembro de 2024, centrada na coleta de entrevistas com moradores afetados.

Entre junho de 2024 e junho de 2025, houve a fase de apuração aprofundada, com o cruzamento entre relatos populares, documentos técnicos e informações institucionais. No caso da transcrição das entrevistas, iniciei em dezembro de 2024 e terminei apenas em março. Esta foi a parte mais difícil porque quase todas eram muito longas e, além disso, já era necessário catalogar as partes importantes para facilitar a escrita do livro.

Finalizado esse processo, iniciou-se a redação do livro-reportagem, com base nas entrevistas, registros de campo e análises técnicas. Contudo, depois de começar a escrita de fato, percebi algumas lacunas de informações e precisei consultar fontes especialistas para entender melhor o contexto da mineração em Quiterianópolis. Com isso, foi finalizado apenas em junho.

Logo em seguida foi desenvolvido o projeto gráfico e visual, incluindo a diagramação, seleção de imagens, paleta de cores e ilustrações. Em paralelo, houve a elaboração deste presente relatório, detalhando as fases. O cronograma foi concluído com as etapas de revisão, finalização editorial, entrega do relatório acadêmico e defesa do TCC, no mês de julho de 2025.

Etapas da pesquisa	3/ 24	4/ 24	5/ 24	6/ 24	7/ 24	8/ 24	9/ 24	10/ 24	11/ 24	12/ 24	1/ 25	2/ 25	3/ 25	4/ 25	5/ 25	6/ 25	7/ 25
---------------------------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	-----------	-----------	-----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------

Pesquisa bibliográfica	X	X	X	X	X												
Entrevistas				X	X	X	X	X	X	X					X		
Incurções			X							X							
Decupagem e análise das entrevistas										X	X	X	X		X		
Escrita do livro													X	X	X	X	
Orientação	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Revisão final do texto																	X
Diagramação																	X
Relatório																	X
Entrega e Defesa																	X

11. REFLEXÕES GERAIS SOBRE A PRODUÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM

Os principais problemas de pesquisa dizem respeito à ausência de dados oficiais sistematizados, à opacidade das informações institucionais e ao silenciamento histórico das comunidades atingidas.

Um dos obstáculos mais relevantes foi a falta de dados de saúde públicos e específicos sobre as doenças relacionadas à exposição à poeira mineral, metais pesados e degradação ambiental. Foram meses buscando os números e, mesmo quando consegui, não encontrei exatamente o que precisava.

Apesar das evidências empíricas coletadas durante as entrevistas, com relatos de câncer, problemas respiratórios e doenças dermatológicas, não há um banco de dados oficial que permita estabelecer uma linha do tempo comparativa antes e depois da instalação da mineradora.

Outro problema foi a dificuldade de acesso a documentos ambientais completos e atualizados. Os estudos disponíveis foram obtidos por meio de pedidos formais e exigiram tempo de espera e conhecimento técnico para serem compreendidos.

Além disso, houve desafios no acesso a algumas fontes humanas. Em muitos casos, moradores preferiram não se identificar formalmente por medo de retaliações políticas ou econômicas, principalmente aqueles que trabalhavam na mineradora ou que possuíam parentes empregados.

A coleta dos depoimentos exigiu empatia, tempo e a construção de confiança com os entrevistados, respeitando limites emocionais e contextos familiares. Também foi um facilitador o pesquisador Erivan Silva, que me enviou contatos de pessoas que poderiam servir como fontes.

Em relação aos especialistas, houve uma dificuldade para encontrar médicos que conseguissem abordar a relação entre a chegada da Globest e os problemas de saúde apresentados na Região. Foram contactados pelo menos cinco, mas nenhum conseguiu falar do tema, de fato. Por isso, a questão epidemiológica foi baseada em estudos publicados na internet.

Ademais, o descompasso entre o discurso técnico dos documentos oficiais e a realidade narrada pelas comunidades impôs um desafio metodológico importante: como confrontar dados fragmentados com evidências orais sem cair em especulações?

A solução adotada foi cruzar diferentes tipos de fontes como relatos populares, estudos acadêmicos, laudos laboratoriais e registros institucionais, de modo a fortalecer a narrativa jornalística e garantir a responsabilidade ética da apuração.

Já a etapa de escrita e edição do livro-reportagem constituiu um dos momentos mais desafiadores e decisivos do desenvolvimento do produto jornalístico. Após a conclusão da fase de apuração, que envolveu a coleta de uma grande quantidade de informações, tornou-se necessário definir uma estratégia clara de organização e estrutura narrativa.

Diante do volume expressivo de dados e aspectos técnicos, um dos desafios foi encontrar uma forma de articular rigor investigativo com uma narrativa sensível, que permitisse ao leitor compreender não apenas os fatos, mas também a dimensão humana do conflito socioambiental vivenciado pelas comunidades afetadas pela Globest.

O prólogo foi a primeira coisa que escrevi, assim como os primeiros parágrafos do primeiro capítulo. Porque, já durante minhas entrevistas em Quiterianópolis, sabia que queria dar este momento de ruptura e divisor de águas nas primeiras páginas, com a chegada da empresa.

Logo depois que adotei o estilo narrativo de descrever, explicar, ficou mais fácil elaborar o restante, baseado no jornalismo literário. O estilo que mais funcionou para mim

foi: introduzir um personagem ou situação que a comunidade passava e, em seguida, introduzir dados ou aspectos técnicos. E foi assim que se seguiu em boa parte do livro.

Com base nessa proposta, os conteúdos apurados foram organizados em núcleos temáticos que se desdobraram em capítulos. De início, todos os personagens apareceriam em um só. Mas, ao longo da escrita, percebi a necessidade de apresentar pelo menos alguns dos personagens no início.

Foi assim que o livro obteve uma estrutura mais consolidada: seria um de introdução ao assunto, outros três envolvendo os efeitos para a comunidade (ar, terra e água), além de ter um do poder público e, por fim, da situação atual do conflito. Foi ao longo do processo de escrita que consegui delimitar essa narrativa.

A fase de edição e reescrita foi marcada por sucessivas revisões, com foco na melhoria da coesão textual, na adequação da progressão narrativa e na organização das informações dentro dos capítulos. Houve atenção especial à construção das transições entre as seções, à seleção dos trechos mais representativos das entrevistas e à distribuição equilibrada entre conteúdo técnico e elementos descritivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALECE TV. SÉRIE ESPECIAL | Impactos da Mineração em Quiterianópolis - VT 01, 02 e 03. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ghAGVn1cifk>>. Acesso em: 18 jul. 2025.

CAMANA, Ângela; LOOSE, E. B. Reflexões sobre o papel do Jornalismo Ambiental diante dos riscos da sociedade contemporânea. *Journal*, vol.9 - nº2 (2015), 119-132.

GIL, Antonio Carlos et al. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de Metodologia Científica. São Paulo, SP: Atlas 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 2008. Verbetes elaborados por Edvaldo Pereira Lima. Disponível em: <<https://edvaldopereiralima.com.br/verbetes-elaborados-por-edvaldo-pereira-lima/>>. Acesso em: 18 jul. 2025.

MARTINEZ, M. Jornalismo literário: um gênero em expansão. *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. Pág. 199, 2009. DOI: 10.1590/rbcc.v32i2.267. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/267>. Acesso em: 18 jul. 2025.

MORAES, Fabiana. Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. *Extraprensa*, [São Paulo, SP - informação não explicitamente no trecho, mas comum para periódicos brasileiros], v. 12, n. 2, [p. XX-YY - informação da página final do artigo não disponível no excerto], 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2019.153247>.

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. *RuMoRes*, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 138–157, 2013. Disponível em: <https://revistas.usp.br/Rumores/article/view/69434>.. Acesso em: 17 jul. 2025.

SERTÃO dos Inhamuns: Mineração e Destruição. Ceará, Youtube, 2017. 1 vídeo (17 minutos). Publicado pelo MAM Nacional. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hNUZ2-5ZKxI>. Acesso em: 18 jul. 2025.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. *Jornalismo Investigativo: O fato por trás da notícia*. São Paulo: Ed. Summus. 2005.

SILVA, E. C. A geopolítica do saque mineral: conflitos e impactos socioambientais da mineração de ferro em Quiterianópolis-CE. 2020. 186 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral – CE.

ANEXO A

TÍTULO	LINK	DATA DE PUBLICAÇÃO
75 mil toneladas de minério saem do CE este ano (Sobral)	https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/75-mil-toneladas-de-minerio-saem-do-ce-este-ano-1.511517?page=4	20/10/2009
Globest investirá R\$ 52 milhões em beneficiamento	https://www20.opovo.com.br/app/opovo/economia/2012/02/28/noticiasjornaleconomia.2791920/globest-investira-r-52-milhoes-em-beneficiamento.shtml	28/02/2012
CE manda mais 90 mil ton de minério à China	https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/ce-manda-mais-90-mil-ton-de-minerio-a-china-1.791895	11/11/2013
Quiterianópolis é o novo “Brumadinho” no Ceará	https://www.mamnacional.org.br/2019/02/27/quiterianopolis-e-o-novo-brumadinho-no-ceara/	27/02/2019
Rejeitos de minério de ferro ameaçam o Rio Poti	https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/rejeitos-de-minerio-de-ferro-ameacam-o-rio-poti-1.2074235	13/03/2019
Deputados cobram providências sobre crime ambiental em Quiterianópolis	https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/politica/deputados-cobram-providencias-sobre-crime-ambiental-em-quiterianopolis-1.2074423	13/03/2019
Rio Poti é contaminado com rejeito de minério de ferro no Ceará	https://mais.opovo.com.br/jornal/2019/04/02/rio-poti--e-contaminado-com-rejeito-de-minerio-de-ferro-no-ceara.html ou pdf no wpp	02/04/2019
Relatório confirma contaminação no Rio Poti e em açude no interior do Ceará	https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/05/03/relatorio-confirma-contaminacao-no-rio-poti-e-em-acude-no-interior-do-ceara.ghtml	03/05/2019
Material Cancerígeno: Relatório da Nutec aponta contaminação do rio Poti	https://mais.opovo.com.br/jornal/reportagem/2019/05/28/material-cancerigeno--relatorio-da-nutec-aponta-contaminacao-do-rio-poti.html ou pdf no wpp	29/05/2019
2 anos de paralisação da mineração na Serra do Besouro em Quiterianópolis-CE	https://www.mamnacional.org.br/2019/12/13/2-anos-de-paralisacao-da-mineracao-na-serra-do-besouro-em-quiterianopolis-ce/	13/12/2019
No sertão cearense, população mantém a luta contra os danos deixados	https://www.brasildefato.com.br/2019/12/20/no-sertao-cearense-populacao-mantem-a-luta-contra-os-danos-deixados-por-mineradora	20/12/2019

por mineradora		
SEMA e Defensoria Pública discutem contaminação do rio Poti pela mineradora Globest	https://www.sema.ce.gov.br/2020/02/18/ema-e-de-fensoria-publica-discutem-contaminacao-do-rio-poti-pela-mineradora-globest/	18/02/2020
Sertão dos Inhamuns: Mineração e Destruição	https://www.facebook.com/MAMNacional/videos/289207968923845/	20/05/2020
Documentário mostra como vivem comunidades afetadas pela mineradora Globest, no Ceará	https://www.brasildefato.com.br/2020/05/27/documentario-mostra-como-vivem-comunidades-afetadas-pela-mineradora-globest-no-ceara	27/05/2020
Renato Roseno denuncia impactos sociais e ambientais de mineradora em Quiterianópolis	https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2022/04/06/renato-roseno-denuncia-impactos-sociais-e-ambientais-de-mineradora-em-quiterianopolis.html	06/04/2022
Nota Pública – Caso Globest – Quiterianópolis	https://www.mpce.mp.br/2022/04/nota-publica-caso-globest-quiterianopolis/	26/04/2022
Assembleia recebe representantes de comunidades atingidas pela mineração	https://www.renatoroseno.com.br/noticias/mineracao-quiterianopolis-renato-roseno-novo-oriente-e-vandro-leitao	06/07/2022
Ceará na rota da mineração: quantidade de projetos salta 260% em um ano	https://mais.opovo.com.br/jornal/economia/2022/12/10/ceara-na-rota-da-mineracao-quantidade-de-projetos-salta-260-em-um-ano.html	10/12/2022
Bem viver x mineração: a luta de comunidades camponesas por vida saudável em Quiterianópolis	https://ceara.fiocruz.br/serpovos/2022/12/20/bem-viver-x-mineracao-a-luta-de-comunidades-camponesas-por-vida-saudavel-em-quiterianopolis/	20/12/2022
Pesquisa revela importância do MAM para a promoção de saúde das populações que vivem em territórios minerados	https://www.mamnacional.org.br/2023/01/04/mam10anos-pesquisa-revela-importancia-do-mam-para-promover-saude-em-territorios-minerados/	04/01/2023
Globest assina contrato com Pecém para exportação de minério de ferro	https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colunistas/victor-ximenes/globest-assina-contrato-com-pecem-para-exportacao-de-minerio-de-ferro-1.3343713	08/03/2023
População de Quiterianópolis (CE) é de 20.213 pessoas, aponta o Censo do IBGE	https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2023/06/28/populacao-de-quiterianopolis-ce-e-de-20-213-pessoas-aponta-o-censo-do-ibge.ghtml	28/06/2023
Mulheres são as mais impactadas pela mineração	https://www.mamnacional.org.br/2023/09/15/artigo-mulheres-sao-as-mais-impactadas-pela-miner	15/09/2023

	acao/	
O problema mineral cearense	https://www.brasildefatoce.com.br/2023/10/18/o-problema-mineral-cearense#:~:text=O%20problema%20da%20minera%C3%A7%C3%A3o%20no%20territ%C3%A3o%20imposs%C3%A9vel%20de%20serem%20cicatrizadas.	18/10/2023
Os riscos da exploração mineral	https://mais.opovo.com.br/reportagens-especiais/mineracao-maceio-tragedia	08/12/2023
Semana da Água 2024: Cogerh discute relação entre mudanças climáticas e recursos hídricos	https://portal.cogerh.com.br/cogerh-promove-semana-da-agua-de-20-22-de-marco-fique-por-dentro-dos-detalhes/	13/03/2024
Órgão ambiental suspende licença de operação da mineradora Globest no Ceará	https://www.mamnacional.org.br/2024/04/03/orgao-ambiental-suspende-licenca-de-operacao-da-mineradora-globest-no-ceara/	03/04/2024
Sertões de Crateús: Cogerh discute análise da água de Novo Oriente e de Quiterianópolis	https://portal.cogerh.com.br/sertoos-de-crateus-cogerh-discute-analise-da-agua-de-novo-oriente-e-de-quiterianopolis/	04/04/2024
Licença da Globest é suspensa no Ceará	https://mais.opovo.com.br/colunistas/beatriz-cavalcante/2024/04/08/licenca-da-globest-e-suspensa-no-ceara.html	09/04/2024

ANEXO B

TÍTULO	LINK
Caminhos para a convivência com o semiárido: agricultura camponesa e segurança alimentar no sertão de Quiterianópolis – Ceará	https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/16902
A morfologia da paisagem a partir da mineração de ferro em Quiterianópolis - CE	https://revistas.uece.br/index.php/GeoUECE/article/view/2146
Impactos e conflitos socioambientais da mineração de ferro nas comunidades camponesas de bandarro e besouro em Quiterianópolis	http://www.seer.ufsj.edu.br/territorium_terrnam/article/view/5170/3049
Apropriação dos recursos naturais no estado do Ceará: uma abordagem a partir	https://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/view/28892

da noção de (in)justiça ambiental	
Modelagem prospectiva mineral com base em Lógica Fuzzy: avaliação do Distrito Ferrífero de Quiterianópolis/CE	https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/64483/1/2020_art_ebuchoa.pdf
Análise comparativa da avaliação de impactos ambientais de atividades de mineração no Ceará	https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/69858/1/2022_tc_afflima.pdf
Avaliação dos impactos ambientais das atividades de mineração no Ceará	https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/65304/1/2018_eve_gslima.pdf
Impacto social da mineração: uma comparação entre a percepção da empresa e a da comunidade	https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/49162/1/2019_art_ggerotto.pdf
O imaginário acerca da instalação da mineração de urânio em Santa Quitéria, Ceará : estudo sobre a relação do sertanejo com a terra	https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/62506/1/2014_dis_mcfrota.pdf
O problema mineral do Ceará	Arquivo no Whatsapp
A geopolítica do saque mineral: conflitos e impactos socioambientais da mineração de ferro em Quiterianópolis - CE	https://ww2.uva.ce.gov.br/apps/common/documentos_mag/dissertacao_852bfac82550eef59b2cf48af9fa9d4a.pdf
Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida	https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9474/11043
Mineração: Realidade e Resistência	PDF
Salgema do Erro à Tragédia	E-book
Arrastados: Os bastidores do rompimento da barragem de Brumadinho, o maior desastre humanitário do Brasil	Livro Físico
Rejeitos: vidas marcadas pela lama	https://bdm.unb.br/handle/10483/16623
Mineração e meio ambiente no Brasil	https://repositorio.mcti.gov.br/handle/mctic/5224
Plano de Ação para Salvaguarda dos Recursos Naturais e da Cultura Alimentar do Povo - Tabajara do Sertão dos Inhamuns	https://slowfoodbrasil.org.br/wp-content/uploads/2022/05/PlanoAcaoTabajara.pdf